A face tecnofeudal do capital

Luiz Marques

01/08/2025

Yanis Varoufakis, ex-ministro das Finanças na Grécia, é cofundador do partido de esquerda pan-europeu Movimento pela Democracia na Europa 2025 (DiEm25) e autor de *Tecnofeudalismo: O que matou o capitalismo.* A obra indica uma mutação do sistema capitalista ao demolir dois pilares, “os mercados e os lucros, que não mais apitariam o jogo”. A transformação se dá com a ação dos feudos de rendas por via dos aplicativos na internet. Ver a entrevista do intelectual grego na *Focus Brasil*, n° 198, onde ele explica como o “capital bem-sucedido” teria derrotado o velho arcabouço.



O capital tradicional (ferrovias, redes telefônicas, edifícios, indústrias) continua a existir; só não detém o poder. Torna-se vassalo dos donos do “capital-nuvem”. A cidadania regressa à condição subalterna de contribuinte da nova classe dominante com o suor não remunerado, as informações e dados apreendidos pelas *Big Techs* e a *Big Finance*. O parasitismo é um fiador da metamorfose. A General Motors e a ExxonMobil recolhem em salários e honorários 80% da receita das empresas; os monopólios tecnológicos recolhem menos de 1% do faturamento – um privilégio antirrepublicano.

De início, os Estados Unidos financiaram a descentralização das redes horizontais para precaver-se de um bombardeio atômico no terminal centralizado de suas defesas. O Pentágono necessitava da logística das redes autônomas que seduziam os internautas. Seguiu-se uma pilhagem dos *commons* – recursos compartilhados – com invenções espetaculares nas comunicações. A acumulação primitiva do capital, de novo tipo, fez o valor de troca mercadológico suplantar o valor de uso comunitário.

O ocaso da privacidade

O propósito da rede não-comercial de computadores foi proteger a tecnoestrutura norte-americana, não a derrocada sistêmica imaginada por Manuel Castells. A emancipação do jugo dos mercados não passava de um desejo. A Wikipédia é dos escassos serviços comuns sem monetização. A plêiade dos algoritmos não demorou a cercar e a destruir as ilusões anarcocibernéticas da *Internet One*. À *Internet Two* o que importa é a submissão confundida com uma sensação de liberdade das *personas*.

Os software inteligentes, torres de servidores, telefonia e os milhares de quilômetros de fibras óticas reduzem os trabalhadores humanos a exaustos terceirizados das nuvens. Os estoques formados pelo histórico dos navegadores no ciberespaço com os vídeos, fotos e deslocamentos físicos abastecem o controle externo da privacidade individual. Tal acervo favorece a orientação do consumo e opções políticas nas eleições. Prerrogativa equivalente à do *Big Brother*, na distopia de George Orwell.

O senhor feudal dava direito aos servos de cultivar lavouras em suas terras por um percentual da produção. Não difere do procedimento de Jeff Bezos com os vendedores da *amazon.com* ao assentir na utilização do feudo digital em troca de uma comissão. Aliás, sem a preocupação de fiscalizar a gleba para a cobrança; o pagamento é certo. A Amazon serve de modelo às técnicas da Alibaba, na China. O *e-commerce* desmonta os mecanismos do mercado real para satisfazer o capital da nuvem.

Proeminência da renda

Rentistas sempre existiram com o extrativismo das petrolíferas no solo e nas profundezas oceânicas. Que dissimulem os rendimentos como lucro não altera a situação. O mesmo acontece no que toca à fidelização das marcas esculpidas no marketing de megaempresas. Aumentam os preços e não veem os clientes abandonar a afinidade eletiva*;* vide os nichos aficionados da Mercedes-Benz e da Apple.

Antes, a república democrática tecnologicamente avançada implicava a superação do *establishment* por agentes do trabalho organizado. Agora, as tecnologias informacionais ocupam o destacado lugar dos chefes da revolução que desemboca, não em conselhos populares, mas na espoliação apoiada no consenso tácito do povo. Os capitalistas-nuvem disputam a primazia no pódio com investidores das Bolsas de Valores, na corrida para substituir a supremacia do lucro pela proeminência da renda.

O professor de Economia na Universidade de Atenas argumenta que o termo capitalismo nomeou o bloco econômico nascente quando o feudalismo ainda dominava áreas rurais, possuía a propriedade de quarteirões aristocráticos em cidades, presidia órgãos governamentais e comitês parlamentares, e comandava exércitos e marinhas. O nome de batismo precedeu a configuração da realidade futura.

A vigilância totalitária

A palavra “tecnofeudalismo” é lançada a título de desafio num período em que os mercados regem a vida de bilhões de pessoas e em que capitalistas, às antigas, dirigem um complexo militar-industrial, parlamentos, mídia, bancos centrais e instituições globais – Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio. A coabitação da renda e da mais-valia caracteriza o momento atual. Aparelhos burocráticos mantêm vivo o capitalismo, feito um redivivo Frankenstein.

O padrinho da expressão que acaba de entrar no Dicionário da Política está ciente de que a atividade capitalista cresce no processo de acúmulo do capital que degrada o lucro e substitui mercados por feudos. Compreende que a embalagem se desgasta com um dinamismo próspero contínuo e, assim, empodera o Vale do Silício. A dúvida é se o roteiro não está apenas ampliando o poder já existente.

O problema é que o livro, em tela, trata como contradição formal a dualidade nas manifestações do capital, quer na Faria Lima quer no armazenamento em nuvem. Na taxonomia que adota para uma classificação sobressai a lógica excludente, a partir da qual avaliza a notícia da morte do regime capitalista. O anúncio fúnebre é precipitado – as pesquisas frisam a vigilância totalitária. Outrora a ruptura tinha contornos nítidos na economia, política, e cultura; coisa que não tem hoje. Mas a falta de diagnóstico consensual não impede o compromisso prático-militante contra os podres poderes.

Estratégia progressista

Yanis Varoufakis rejeita as terminologias do passado – hipercapitalismo, capitalismo de plataforma – sobre o cerco da internet pelo capital-nuvem. “Para devolver o *demos* à democracia, precisamos unir o proletariado tradicional e os proletários das nuvens, mas também os servos das nuvens e parte dos capitalistas vassalos.

Nada menos do que uma grande coalizão" (p. 192). Há que regulamentar e taxar os neocolonizadores da mente. Fortalecer a colaboração transnacional, criar uma infraestrutura digital pública, revisar as políticas tecnológicas e ampliar os princípios democráticos. A finalidade é uma socialização dos meios de produção e dos meios de comunicação que compõem as *Big Techs*.

Ladislau Dowbor, em *A era do capital improdutivo*, por seu turno, tece várias considerações sobre a transferência de poderio ao capital financeiro na era da riqueza estéril e conclui que o capitalismo se complexificou com a erosão da privacidade por tecnologias capazes de individualizar informações. "Batalhar por juros decentes e a racionalidade do sistema financeiro nas suas diversas dimensões tornou-se tão estratégico como batalhar por salários dignos" (p. 277). Para o professor da PUC/SP, urge a sustentabilidade socioambiental, o combate à especulação e à evasão fiscal para um fomento econômico, o estímulo às agências financeiras locais e a transparência nos fluxos da *Big Finance*.

A formação de feudos no capital-nuvem e a meada financeira do capital improdutivo obstaculizam a democratização da sociedade e da webesfera, com o zelo da ganância e o menosprezo da ecologia. A equação "99% da população *vs* 1% de sanguessugas" expõe a polarização do neoliberalismo. A nuance teórica deve se submeter à estratégia progressista para uma unificação dos esforços contra as duas faces do capital hegemônico, no século XXI. Com organização política e consciência de classe em nível mundial, cada passo encurta o longo caminho. Como no poema de Paulo Leminski, temos de: "Achar / a porta que esqueceram de fechar. / O beco com saída. / A porta sem chave. / A vida."

***Luiz Marques** é Docente de Ciência Política na UFRGS; ex-Secretário de Estado da Cultura no Rio Grande do Sul.*

Compartilhe nas redes: